

## O HELICÓPTERO POÉTICO DO PENSAMENTO

(resenha sobre o livro *Da Amizade*, de Francisco Bosco, Editora Sette Letras, 2003, publicada na Storm Magazine, [www.storm-magazine.com](http://www.storm-magazine.com), Edição 16, março/abril de 2004, e, sob o título *Escritor que acena para o futuro*, no Jornal do Brasil, Caderno Idéias, página 4, em 8 de maio de 2004)

Quando, com cinco dias de intervalo, são lançados, na mesma cidade, dois livros de poesia do porte de *Coisas que o primeiro cachorro na rua pode dizer*, de Caio Meira (Azougue Editorial), e *Da amizade* (Ed. Sete Letras), de Francisco Bosco, atrevo-me a dizer que, hoje, no Brasil, se faz uma das melhores poesias do mundo, fato que merece ser dito sem culpas e celebrado com a maior das alegrias. Ao contrário do que pensa uma crítica literária lenta e muito menos vigorosa do que a poesia por ela estudada, é preciso dizer que a jovem poesia brasileira, no que tem de melhor, como nos casos mencionados, já não paga tributos explícitos – que, enquanto existiram, foram evidentemente merecidos – a Drummond nem a Cabral, dois de nossos maiores poetas, nem sucumbe à voz nostálgica de um pretenso classicismo histriônico, nem, muito menos, se mantém epígona do concretismo, além de já ter digerido, com estômago ruminante, a fecunda herança de Ferreira Gullar. Há singularidades diferenciadas e intensivas sendo produzidas neste momento entre nós, sobretudo, que acatam a contemporaneidade das ruas e dos pensamentos poéticos e filosóficos mais sofisticados. Aqui, entretanto, falarei apenas de *Da amizade*, o novo livro de Francisco Bosco.

Pelo menos, desde que Schlegel afirmou que o que se pode fazer, enquanto filosofia e poesia estão separadas, está feito, perfeito e acabado; portanto, é tempo de unificar as duas, uma das tensões conectivas presentes na modernidade, e mais atuantes ao longo da produção do século XX, é entre o filosófico e o poético, o teórico e o artístico, o verso e a prosa, a crítica e a criação, abrindo um caminho de disposições para a miscigenação entre os diversos gêneros possíveis e gerando, justamente, a impossibilidade de determinação de um gênero específico. Esses indetermináveis do pensamento, esses inclassificáveis que não buscam estancar os movimentos prolíferos, assinalando, pelo contrário, a impossibilidade de fixidez, foram explorados, com toda radicalidade, por escritores como Nietzsche, Rimbaud, Thoreau, Edmond Jabès, René Char, John Cage, Jacques Roubaud, Deleuze, Roland Barthes, Agamben, só para citar alguns, e, entre nós, no momento, talvez por escritores raros, e muito distintos entre si, como Vicente Franz Cecim e Roberto Corrêa dos Santos, este, aliás, significativo apresentador do respectivo livro.

Colocando-se num âmbito de corajosa aventura e adentrando o momento presente, a poesia de Francisco Bosco acena para o futuro, compreendido no livro, em contraposição à fidelidade ao passado, como a cuidadosa medida para o rigor. É o futuro que, a partir de sua impossibilidade, eclode no presente, lançando-o num devir. A escrita, portanto, não se faz, obviamente, como a tentativa de predizer fatos que um dia acontecerão, mas como uma força propulsora de deslizamentos de tudo aquilo que, a cada momento, quer se solidificar no mundo. É da espessura tátil de um silêncio que o poeta dá voz aos vetores de intensificação de sua escrita: o desvio, o deslocamento, a desestabilização... Estes são alguns de seus conceitos poéticos, como se, ao invés de mergulhar em busca de um tesouro profundo escondido, a poesia, então, se efetuasse na leveza constantemente clara da

patinação, do esqui aquático, do skate, da asa delta, do ciclismo ou do windsurf. Há um atletismo solar, um exercício muscular saudável, no jogo tensivo entre a continuidade e a descontinuidade que salta em tais páginas. Mas não se enganem; escrever é perder o corpo para a página, é tornar a escrita muscular, e, através da musculatura da linguagem, buscar uma máxima compressão, descontextualizadora do outrora consolidado, chamada: fragmentos.

É sob o signo dos fragmentos que a escrita de Da amizade se realiza. Entre um fragmento e outro, um deserto bravio, fertilizador. Na primeira parte, são números, os prefiguradores dos momentos frásicos que atuam mais como demarcações plásticas inquietas de pausas instáveis do que como uma legibilidade sonora; passo a passo, eles unem e simultaneamente separam células frasais indeterminadoras do vínculo direto ou indireto com o tópico anterior. Na segunda parte do livro, o que presentifica uma tal tensão de liberdade do leitor é a própria página em branco de onde eclodem frases límpidas portadoras de pensamentos vigorosos. Mas é na terceira e última parte que a presença desta fragmentação ganha sua mais bela concepção poético-teórica. Prestemos atenção ao poema De Helicóptero: “A liberdade é branca”, de pensou:/ o tour de force benjaminiano,// ao amarrar Schlegel, amarrou,/ mais do que os fragmentos, o leitor,// que assim subtraído de espaço,/ se movimenta pelo texto como,// naquela curiosa marcha olímpica,/ os corredores que são proibidos// de retirar os pés do chão. Então,/ voltando aos fragmentos de Schlegel,// sobrevoando-os de helicóptero,/ notou que a paisagem era outra,// havia nela mais espaços brancos,/ desceu dos olhos e pôde sentir// as suas pernas bem mais à vontade/ - e foi nesse momento exatamente,// o errar se afastando do errado,/ que pensou: “branca é a liberdade”.

Tudo está dito neste poema. A liberdade dos fragmentos. O poético e filosófico simultâneos. O crítico que critica a leitura que um filósofo realizou de outro pensador (Poesia? Filosofia? Crítica? Teoria?...). O acatamento do cinematográfico (que retornará em outro poema esplêndido a partir de Coração Selvagem, de David Lynch), com a menção ao filme A liberdade é branca e a tomada grande-angular do helicóptero. A manifestação insólita, risonha, da marcha olímpica. Um certo acolhimento de um prosaico explicativo. A presença do helicóptero, que, diga-se de passagem, é o gêmeo maquínico do rinoceronte, aquele que exerce a potencialidade máxima de suas forças convergindo-a para a mesma direção, como símbolo do leitor livremente errante, aquele que sabe errar se afastando do errado.

É o leitor o personagem conceitual que corta todo o livro, dividido em três partes acolhedoras do instantâneo e da fragmentação mencionada, Figuras, Flashes e Cenas. A partir dele, leitor, as amizades literárias e filosóficas – de todo modo, vitais – compõem para demarcar as movimentações de uma leitura ativa, criadora. Aqui, o leitor é uma força rotora que se confunde com a da própria criação, fazendo com que o poeta seja o primeiro leitor de uma criação que o atravessa. Se o livro de Francisco Bosco gira em torno do ato da leitura, há aforismos magníficos sobre livrarias, sebos, o amor tátil aos livros, o escritor, as musas, a folha branca, a improdutividade e inúmeros outros temas que dizem respeito à força propulsora da escrita. Poderia afirmar que Da amizade (não apenas cronologicamente) é um livro da abertura do século XXI, um projeto de pensamento poético que, segundo me parece, estará fortemente presente ao longo dos próximos anos. Pode ser algo como isso que Roberto Corrêa dos Santos quis dizer ao inventar um personagem conceitual para mencionar o poeta em questão: o do filósofo.